

Saúde mental dos professores de ensino superior: uma revisão da literatura

Mental health of higher education teachers: a literature review

Ana Paula de Araujo Fernandes

Paulo Roberto Ribeiro Marinho

Maria Luiza Gava Schmidt

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”(UNESP)

Assis/SP - Brasil

Resumo

Com as mudanças decorrentes do desenvolvimento do capitalismo, o modo de configuração do trabalho do professor de ensino superior se modificou e, conseqüentemente, o modo nas manifestações de seu sofrimento. Este artigo buscou, mediante revisão da literatura, analisar a produção do conhecimento sobre a saúde mental do professor de ensino superior no período de 2016 a 2020, na base de dados SciELO. As categorias que emergiram foram: fatores psicossociais de risco à saúde mental, incluindo as subcategorias: contexto das instituições/organização do trabalho, insatisfação e satisfação no trabalho, condições de trabalho, relações socioprofissionais, questões de gênero e repercussões para a saúde. Evidenciou-se que os desafios da profissão docente estão relacionados, principalmente, com a forma da organização do trabalho, exigência por produtividade, intensificação da jornada, flexibilização das relações trabalhistas, sobrecarga, excesso de controle institucional, pouca autonomia, desvalorização social e financeira, o que afeta a saúde mental desses trabalhadores. Com relação às formas de adoecimento, ficou evidenciada maior ocorrência na esfera psicológica e menor nas questões físicas, entretanto também existentes e significativas.

Palavras-chave: Saúde do trabalhador; Professor de ensino superior; Fatores psicossociais de risco.

Abstract

With the changes resulting from the development of capitalism, the way of configuring the work of higher education teachers has changed and, consequently, the way in which these workers manifests of suffering. This article sought, through a literature review, to identify the production of knowledge about the mental health of higher education teachers in the period from 2016 to 2020, in the SciELO database. The categories that emerged were: psychosocial risk factors for mental health, including the subcategories: context of institutions/work organization, dissatisfaction vs. job satisfaction, working conditions, socio-professional relationships, gender issues and repercussions for health. It was evident that the challenges of the teaching profession are mainly related to the form of work organization, demand for productivity, intensification of the workload, flexibilization of labor relations, work overload, excess of institutional control, low autonomy of work, social and financial devaluation, and that affects the mental health of these workers. With regard to the forms of illness, there was a greater occurrence in the psychological sphere and less in physical issues, although they were also existent and significant.

Keywords: Occupational health; University professor; Psychosocial risk factors.

Introdução

No decorrer do desenvolvimento do capitalismo, com as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, principalmente no que diz respeito às mudanças no âmbito da educação, o modo de configuração do trabalho do professor de ensino superior se modificou e, conseqüentemente, o modo nas manifestações de sofrimento e psicopatologia desses trabalhadores também.

Nos últimos anos, no Brasil, a atividade docente tem sido impactada por muitos fatores que estão relacionados, principalmente, à crescente valorização do trabalho intelectual, incluindo a revolução informacional e as inovações tecnológicas, bem como o contingente de políticas públicas relativo à expansão e avaliação de desempenho da educação superior no país (HOFFMANN et al., 2017).

Segundo Hoffmann et al. (2017), com a crescente demanda do trabalho do professor, há uma intensificação dessa atividade docente, a qual retrata um novo paradigma de produção e consumo do conhecimento. De acordo com os autores, esse novo paradigma permeia pela chamada “cultura do produtivismo”, a qual é marcada pela aceleração das atividades, alienação, competitividade e individualismo.

Além disso, quando pensamos no contexto da universidade no Brasil, Silva (2009) afirma que há um objetivo de ajustar as políticas públicas aos interesses do capital, e com isso, o Estado tem visado a ampliação da esfera privada e um enfraquecimento das barreiras que separam o público e o privado.

Nesse sentido, o cenário é de um crescente número de instituições privadas de ensino superior, que, em sua maioria, tratam a educação como um negócio, perdendo sua relação com a formação emancipatória da educação, e ganhando uma adesão com aspectos mercadológicos da instituição (FRANCISCO et al., 2011). E em contrapartida, a universidade pública vem enfrentando um sucateamento, fruto da desresponsabilização do Estado (GUARANY, 2012).

De acordo com Silva (2009), têm sido inúmeros os mecanismos adotados para esse enfraquecimento da universidade pública, como: a prática de reduzir o financiamento para o ensino superior público e impedi-lo de expandir-se; congelar o salário do quadro de professores; não respeitar direitos trabalhistas; flexibilizar os contratos de trabalho; promover uma diferenciação entre as instituições universitárias; diversificar as fontes de

financiamento; e priorizar a implementação de universidades de ensino em relação às de pesquisa.

No ano de 2020, essa conjuntura se agrava, uma vez que o Brasil se encontra em uma grave crise econômica em decorrência de um período conturbado vindo desde meados de 2013, com muita tensão política, até a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), que culminou em múltiplas e continuadas contrarreformas da previdência, crescente desemprego e cortes nos orçamentos da saúde, da assistência social, das ciências e tecnologias, da cultura e da educação (GRANEMANN, 2021).

O corte no orçamento na área da educação pôde ser visto já em 2019, quando o Ministério da Educação (MEC) teve seus gastos reduzidos em 6,7 bilhões em relação ao gasto público na área em 2017. A redução dos gastos afetou os recursos destinados à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o que prejudicou o financiamento de projetos e pesquisas, bem como a distribuição de bolsas de mestrado e doutorado. Outra agência importante no financiamento de pesquisa no Brasil, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação (MCTIC), também foi impactada com cortes orçamentários (PANIZZON; COSTA; MEDEIROS, 2020).

E é nesse contexto do ensino superior no Brasil, que está inserido o professor. E, apesar da crescente demanda pelo trabalho docente, as mudanças apontam para a inserção de elementos que desqualificam cada vez mais o trabalho do professor de ensino superior (GUARANY, 2012).

Tal desqualificação da atividade docente pode ser vista no que concerne, por exemplo, à perda crescente da autonomia, uma vez que a lógica da produção, guiada pelos interesses do capital, não permitem; pelo baixo reconhecimento social, pela própria desvalorização salarial, carência de recursos materiais e humanos, e aumento de ritmo e intensidade do trabalho (GUARANY, 2012).

Nessa lógica, na tentativa de atender tais demandas, geralmente, os docentes precisam estender sua jornada de trabalho e acabam por ultrapassar a carga horária diária. Além disso, com a utilização dos recursos tecnológicos, transformam o tempo de não trabalho em tempo de trabalho, intensificando a jornada laboral (GUIMARÃES; CHAVES, 2015).

Borsoi (2012) vem corroborar, dizendo que o trabalho do professor de ensino superior permite, dentre outras especificidades, que o mesmo seja realizado fora do ambiente institucional, contribuindo para que exceda os limites específicos da jornada regimental, inclusive sobre os horários em que se faz presente na instituição. Para isso, o professor necessita apenas de um computador com acesso à internet e um telefone para manter o elo do docente à instituição, em tempo integral, independentemente de onde esteja.

Ademais, o trabalho desses professores acaba sendo flexível e multifacetado, uma vez que é caracterizado por atividades e demandas das mais variadas e contínuas, o que resulta nessas alterações na jornada de trabalho, tanto no que diz respeito a intensidade, com aceleração na produção, em um intervalo curto de tempo, quanto na extensiva, com maior tempo dedicado ao trabalho, ambas facilitadas pelas novas tecnologias (MANCERO, 2007).

Além disso, esses professores, que lecionam no ensino superior, representam uma categoria profissional caracterizada pela heterogeneidade, considerando as diferenças de funções, atribuições, desafios, reconhecimento e condições de trabalho de acordo com o nível de ensino e tipo de instituição de ensino. A docência no ensino superior é evidenciada como uma atividade diversa e complexa em decorrência de influências das políticas educacionais (CARLOTTO; CÂMARA, 2017).

Segundo Silva (2015), um outro fator que desqualifica a atividade docente, é o fato de a universidade ser marcada por relações competitivas, com frágeis possibilidades de laços solidários entre os trabalhadores em diferentes níveis hierárquicos, e pouco reconhecimento do/no trabalho do professor. O autor destaca que os impedimentos à concretização das expectativas e ideias éticas e políticas dos sujeitos são fatores para o sofrimento docente, uma vez que uma parcela desses trabalhadores tem como sentido fundamental do trabalho, juntamente com o desejo de ser professor, a possibilidade de contribuir para processos de transformação social.

Em face do exposto, é importante refletir a relação entre o trabalho do professor e sua saúde mental, uma vez que todas essas condições de precarização do trabalho do professor de ensino superior, descritas anteriormente, configuram fatores psicossociais de risco, que podem gerar sobrecargas de trabalho, tanto físicas quanto mentais, podendo culminar em adoecimento.

Em vista disso, a pergunta norteadora do presente estudo foi: qual foi a produção de conhecimento sobre o professor de nível superior e sua saúde mental, nos últimos cinco anos (período de 2016 a 2020)? Para tanto, foi realizada uma revisão da literatura na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), a fim de analisar tal produção.

Metodologia

O presente estudo pode ser caracterizado como uma revisão da literatura, definido como um método de pesquisa, que tem como objetivo obter informações de determinado fenômeno, por meio da busca, avaliação crítica e síntese do estado do conhecimento pesquisado (SOARES et al., 2014).

Para sua elaboração, seguiu-se as seis etapas utilizadas na realização desse tipo de revisão, a saber: identificação da temática e elaboração da pergunta norteadora, estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos, definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados, interpretação/discussão dos resultados e por fim, apresentação da revisão/síntese do conhecimento (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

O estudo foi desenvolvido por meio da plataforma SciELO, com busca no período dos últimos cinco anos (2016 a 2020), sendo que o critério de escolha deste recorte temporal ocorreu por agregar fontes atualizadas de dados científicos sobre o conteúdo pesquisado. Além disso, optou-se pelo banco de dados SciELO por ser um repositório multidisciplinar, com centenas de periódicos indexados oriundos da América Latina, do Caribe e de outros países (SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE, 2021); portanto, um portal mediante o qual se tem acesso a uma vasta produção científica e acadêmica.

Empreendeu-se busca avançada por meio dos seguintes descritores e operadores booleanos: “professor universitário” OR “docente universitário” OR “ensino superior” AND “saúde” AND “trabalho”. Com a finalidade de se obter mais fidedignidade nos resultados, optou-se por, além de “professor”, acrescentar a palavra “docente”, e além de “universitário”, foi acrescentado “ensino superior”; com isso, localizaram-se produções que continham, concomitantemente, todos os descritores.

Foram incluídos na revisão todos os artigos empíricos e de estudos de caso, publicados em periódicos científicos que tivessem como objetivo investigar o professor de ensino superior e a saúde do trabalhador, publicados no intervalo dos últimos cinco anos (2016 a

2020) em língua portuguesa, inglesa ou espanhola, e ainda que estivessem disponíveis online, na íntegra, gratuitamente.

Ao passo que os artigos excluídos foram estudos que não atendiam os objetivos e/ou duplicados, estudos que não contemplassem em suas amostras exclusivamente professores de ensino superior, e artigos de revisão. Visando maior fidedignidade dos dados, a busca foi realizada por dois avaliadores.

Por fim, foi realizada a leitura minuciosa dos artigos e na sequência, os mesmos foram agrupados em eixos temáticos. Com base nessa organização, foram delineados os pontos mais significativos de cada artigo e construídas categorias. Os tópicos emergentes foram: “fatores psicossociais de risco à saúde mental”, incluindo as subcategorias: “contexto das instituições/organização do trabalho”, “insatisfação e satisfação no trabalho”, “condições de trabalho”, “relações socioprofissionais”, “questões de gênero” e, por último, a categoria “repercussões para a saúde”.

Resultados e Discussões

Na busca inicial na base de dados, conforme descritores estabelecidos, foram encontrados no SciELO o total de 129 artigos. Desses, foram excluídos, por serem duplicados, 20 artigos, resultando em 109. Após aplicarmos os critérios de exclusão, elencados anteriormente, 90 artigos foram recusados do estudo. Restaram, portanto, 19 artigos que compuseram a amostra deste estudo, conforme vislumbrado na Tabela 1. A busca foi realizada no mês de maio de 2021.

Tabela 1. Distribuição dos artigos publicados entre 2016 e 2020 segundo critérios de inclusão e exclusão

Critérios de exclusão e inclusão	Nº de artigos
Busca inicial	129
Estudos excluídos duplicados	20
Estudos excluídos por não atenderem aos objetivos da pesquisa	90
Amostra final analisada	19

Fonte: Elaborado pelos autores. Junho/2021.

Utilizou-se a análise descritiva dos resultados para possibilitar melhor compreensão do leitor. Por ser uma pesquisa de dados secundários por meio de bases de domínio público, dispensou-se a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP).

Para organização dos dados foi construída uma tabela com a síntese do material selecionado, contendo título do artigo, autores, ano, periódico em que foi publicado,

resumo do estudo e tipo de trabalho, que resultou na construção de um quadro sinóptico, para melhor visualização do leitor (Quadro 1).

Quadro 1. Panorama geral dos artigos selecionados que abordavam o professor de ensino superior e sua saúde mental, no período 2016 a 2020

	Artigo selecionado	Tipo de estudo	Objetivo
01	RIBEIRO, Carla V. S., LEDA, Denise B. O trabalho docente no enfrentamento do gerencialismo nas universidades federais brasileiras: repercussões na subjetividade. <i>Educação em Revista</i> , Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 97-117, out./dez. 2016.	Empírico	Analisar o processo de reconfiguração das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) a partir da Reforma do Estado de 1995 no Brasil e as possibilidades de enfrentamento das adversidades vivenciadas pela categoria docente.
02	COSTA, Áurea C. As injunções aos docentes na universidade pública: de intelectuais a trabalhadores polivalentes. <i>Trabalho, Educação e Saúde</i> , Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, p. 175-195, nov. 2016.	Empírico	Trata-se de um estudo sobre precarização do trabalho docente no Brasil no contexto atual. Texto de aprofundamento da discussão sobre docência no ensino superior no contexto atual.
03	CARDOSO, Cleia G. L. V.; COSTA, Nilce M. S. C. Fatores de satisfação e insatisfação profissional de docentes de nutrição. <i>Ciência & Saúde Coletiva</i> , Rio de Janeiro, v. 21, n. 8, p. 2357-2364, ago. 2016.	Empírico	Conhecer a satisfação profissional de professores de nutrição de uma instituição federal de ensino superior, identificando os fatores que geram satisfação e insatisfação e os sentimentos visualizados ao final da carreira.
04	KLEIN, Leander L. et al. Qualidade de vida no serviço público: uma avaliação em uma instituição de ensino superior. <i>REAd: Revista Eletrônica de Administração</i> , Porto Alegre, v. 23, n. esp., p. 317-344, dez. 2017.	Empírico	O estudo teve como objetivo analisar os fatores direcionadores da QVT, com base na percepção de servidores docentes e técnicos.
05	HOFFMANN, Celina et al. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. <i>Estudos Avançados</i> , São Paulo, v. 31, n. 91, p. 257-276, set./dez. 2017.	Estudo de caso	Investigar a tríade trabalho, saúde, doença no contexto da docência podendo estar associado à incidência de alguns fatores relacionados à organização do trabalho.
06	SANTINO, Thayla A.; TOMAZ, Alecsandra F.; LUCENA, Neide M. G. Influência da fadiga ocupacional na capacidade para o trabalho de professores universitários. <i>Ciencia & Trabajo</i> , Santiago, v. 19, n. 59, p. 86-90, mayo/ago. 2017.	Empírico	O objetivo deste estudo foi verificar a influência da fadiga ocupacional na capacidade para o trabalho de professores do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública do Brasil.
07	LEITE, Janete L. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo	Empírico	Investiga o atendimento existente nas universidades públicas brasileiras, com de

	acadêmico. <i>Revista Katálysis</i> , Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 207-215, maio/ago. 2017.		vários cursos e universidades a respeito das transformações ocorridas no seu labor.
08	D'ARISBO, Anelise <i>et al.</i> Regimes de flexibilização e sentidos do trabalho para docentes de ensino superior em instituições públicas e privadas. <i>Trabalho, Educação e Saúde</i> , Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 495-517, maio/ago. 2018.	Empírico	Objetivou compreender o sentido do trabalho para o docente de ensino superior em instituições públicas e privadas em seus diversos regimes de flexibilização do trabalho, com base na identificação de elementos da racionalidade instrumental e subjetiva.
09	BRITO LAREDO, Janette. Calidad educativa en las instituciones de educación superior: evaluación del síndrome de burnout en los profesores. <i>RIDE: Revista Iberoamericana para la Investigación y el Desarrollo Educativo</i> , Guadalajara, v. 8, n. 16, ene./jun. 2018.	Empírico	Objetivo do estudo foi a saúde ocupacional dos professores de uma Instituição de Ensino Superior do Estado de Baja California – México.
10	RODRIGUES, Andréa M. S.; SOUZA, Kátia R. Trabalho e saúde de docentes de universidade pública: o ponto de vista sindical. <i>Trabalho, Educação e Saúde</i> , Rio de Janeiro, v. 16 n. 1, p. 221-242, jan./abr. 2018.	Empírico	Conhecer o trabalho e a saúde de docentes de universidades públicas do ponto de vista sindical.
11	DAMASCENO, Nauristela F. P. <i>et al.</i> A narrativa como alternativa na pesquisa em saúde. <i>Interface - Comunicação, Saúde, Educação</i> , Botucatu, v. 22, n. 64, p. 133-140, jan./mar. 2018.	Empírico	Este trabalho descreve a produção de conhecimento na pesquisa qualitativa em saúde a partir do estudo sobre prazer, sofrimento e adoecimento em docentes do ensino superior
12	SOUZA, Katia R. <i>et al.</i> Cadernetas de saúde e trabalho: diários de professores de universidade pública. <i>Cadernos de Saúde Pública</i> , Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00037317, 2018.	Empírico	Analisar o instrumento de pesquisa designado como “cadernetas de saúde e trabalho”, com foco na produção de conhecimento sobre o trabalho de docentes de universidade pública.
13	MERCALI, Gabriele D.; COSTA, Silvia G. Antecedentes do engajamento no trabalho dos docentes de ensino superior no Brasil. <i>RAM: Revista de Administração Mackenzie</i> , São Paulo, v. 20, n. 1, eRAMG190081, 2019.	Empírico	Identificar e analisar os principais antecedentes, as demandas e os recursos externos de trabalho que estão relacionados com o engajamento na esfera laboral dos docentes de ensino superior brasileiros.
14	HOFFMANN, Celina <i>et al.</i> Prazer e sofrimento no trabalho docente: Brasil e Portugal. <i>Educação e Pesquisa</i> , São Paulo, v. 45, e187263, 2019.	Estudo de caso	O objetivo do estudo é comparar as vivências de prazer e de sofrimento entre docentes de uma IES brasileira e outra portuguesa.

15	CAMPOS, Taís C.; VÉRAS, Renata M.; ARAÚJO, Tânia M. Transtornos mentais comuns em docentes do ensino superior: evidências de aspectos sociodemográficos e do trabalho. <i>Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior</i> , Campinas, v. 25, n. 3, p. 745-768, nov. 2020.	Empírico	Objetivou estimar a prevalência de TMC em docentes de uma universidade pública da Bahia, analisando sua associação com aspectos sociodemográficos, laborais e psicossociais.
16	JORQUERA GUTIÉRREZ, Ricardo; HERRERA GALLARDO, Fernando. Salud mental en funcionarios de una universidad chilena: desafíos en el contexto de la COVID-19. <i>Revista Digital de Investigación en Docencia Universitaria</i> , Lima, v. 14, n. 2, e1310, 2020.	Empírico	Descrever os níveis de estresse, depressão e ansiedade em trabalhadores de uma universidade no norte do Chile, no contexto de Covid-19.
17	LOZANO-GONZÁLES, Elí O. Significado de la docencia y procesos formativos del profesorado en el área de la salud: los inicios en la docencia. <i>Revista Electrónica Educare</i> , Heredia, v. 24, n. 1, p. 1-21, ene./abr. 2020.	Empírico	O artigo explora os significados que o corpo docente da Faculdade de Estudos Superiores de Iztacala da Universidade Nacional Autônoma do México atribui ao ensino, para, com esta base, analisar seus processos de formação.
18	TEIXEIRA, Talita S. C.; MARQUEZE, Elaine C.; MORENO, Claudia R. C. Produtivismo acadêmico: quando a demanda supera o tempo de trabalho. <i>Revista de Saúde Pública</i> , São Paulo, v. 54, n. 117, 2020.	Empírico	Avaliar a associação entre a percepção da pressão por publicações com a satisfação e o estresse no trabalho.
19	MEDEIROS, Yuri P. O. et al. Uso da voz no ensino superior: o que dizem os professores. <i>Revista CEFAC</i> , Campinas, v. 22, n. 4, e13519, 2020.	Empírico	Descrever a percepção de professores universitários em relação ao uso da voz na sua atividade laboral.

Fonte: Elaborado pelos autores. Junho/2021.

Entre as 19 publicações selecionadas e analisadas, os aspectos da saúde do professor do ensino superior se encontram no cerne da discussão dos estudos. No ano de 2020, foram encontradas cinco publicações, mesmo número de estudos encontrados no ano de 2018. Já no ano 2017 foram publicados quatro artigos, em 2016, foram três publicações, e por fim, no ano de 2019 foram publicados dois.

Os periódicos de publicação foram dos mais variados, sendo encontrado somente uma revista com duas publicações, a saber: dois artigos na revista Trabalho, Educação e Saúde, e em todas as outras, uma única publicação no período selecionado para o estudo. Em relação aos tipos de estudos, foram encontrados 19 estudos empíricos, dentre os quais, dois são

estudos de casos. Já com relação à natureza da pesquisa, foram encontradas 10 pesquisas qualitativas, oito quantitativas, e uma quali-quantitativa.

No Quadro 1, destacou-se os objetivos dos estudos, uma vez que se entende que são essenciais para a compreensão da intenção do investigador na produção de conhecimento. Os mesmos serviram de base para a elaboração das categorias temáticas identificadas.

I. Fatores psicossociais de risco à saúde mental dos docentes do ensino superior

a) O contexto das instituições de ensino superior: organização do trabalho

Nessa categoria os estudos dialogam entre si sobre as questões referentes ao contexto da universidade pública a respeito de seu desafio diante do panorama atual, em contrapartida, nenhum estudo faz referência ao contexto das instituições de ensino privadas, especificamente.

Nessa perspectiva, o estudo de Rodrigues e Souza (2018) afirma que a educação superior, a partir do final dos anos 1990, vem sofrendo transformações com o avanço da ideologia neoliberal nas universidades. Tal ideologia objetiva atender uma lógica de mercado, o que modifica a estrutura organizacional universitária, suas funções acadêmicas e o trabalho docente. Esse estudo revelou que tais mudanças percebidas no papel da universidade surgiram com forte significado no relato dos entrevistados, apontando como um fator de risco à saúde mental dos docentes.

Nessa direção, Ribeiro e Leda (2016) trazem uma discussão acerca dos limites e possibilidade de enfrentamento das adversidades vivenciadas pelos docentes, provenientes do modelo gerencialista (braço operacional do neoliberalismo) nas instituições de ensino superior. Os autores afirmam que este modelo induz a práticas pragmáticas e competitivas, como também é propiciador do individualismo, da rivalidade entre os pares e da consequente fragilização do coletivo.

Costa (2016) vem corroborar com os autores supracitados, ao afirmar que ocorre um processo de privatização da educação, mediada pelos valores da doutrina neoliberal, tais como: a meritocracia, a competição, o individualismo, a mercantilização que se traduz em políticas públicas, como as parceiras público-privadas. E na medida em que a educação superior pública passa a depender da iniciativa privada para a sua manutenção, é submetida à imposição de diretrizes dos interesses privados como contrapartida desse financiamento.

Nesse sentido, Leite (2017) afirma ainda que as experiências de condução política

neoliberais têm feito com que o Estado não cumpra com sua função de proteção social, as quais são ineficientes do ponto de vista mercantil. Em vista disso, há um avanço da tese liberal no campo das políticas públicas de educação, no sentido da privatização, pela justificativa da redução do setor público.

Nas universidades públicas, a gestão decorrente desse novo modelo de Estado e as novas práticas de gestão têm levado à precarização de sua estrutura e à diminuição de recursos financeiros públicos, bem como de recursos humanos. E nessa conjuntura os docentes do ensino superior público têm sido afetados (COSTA, 2016).

Assim sendo, Costa (2016) constata que a precarização do trabalho dos docentes do ensino superior está intimamente articulada à avaliação institucional, que materializa na universidade os referenciais que orientaram a reforma do Estado no neoliberalismo, reconstituindo-o como Estado mínimo, fortemente avaliador e controlador e cada vez mais retraído no financiamento.

Além disso, Leite (2017) salienta que essa Reforma Universitária que vem ocorrendo, termina por gerar uma intensificação no trabalho docente, que se materializa em um ambiente laboral/profissional marcado por competitividade e pressões pelo desempenho quantitativo e o cumprimento de metas (gerencialismo). Isto tudo aliado à compressão salarial, à ampliação das exigências de produção e produtividade no campo da pesquisa e pós-graduação (prazos, bolsas, editais, participação em eventos científicos etc.), e ao produtivismo acadêmico; o autor afirma que as implicações dessas novas formas de trabalho docente são severas, e levam desde o consumo de ansiolíticos até o suicídio do docente universitário.

Leite (2017) traz algumas questões relacionadas a esse contexto, sendo: transformações nos critérios das agências de fomento a pesquisas, exponenciação da exigência de publicações, bem como orientações (IC, monitoria, graduação e pós-graduação – lato e stricto sensu) e participação em bancas de avaliação de trabalhos científicos e pareceres. O conjunto destes (e outros) é determinante para a oportunidade de financiamento de projetos e/ou bolsas, que minguam cada vez mais; aumento do número de estudantes sem a contrapartida quantitativa de funcionários e docentes; enxugamento do contingente de funcionários administrativos, cujas funções são repassadas para os docentes; majoração das exigências de aprimoramento intelectual; incremento das exigências quanto à

qualidade do trabalho; exigência de maior comprometimento docente com a organização para atender às múltiplas demandas burocráticas (comissões, reuniões, relatórios etc.); alto nível de competição, a fim de alcançar pontuações que destaquem a produção docente como excepcional, auferindo-lhe incentivos financeiros e status acadêmico. No trabalho de Souza et al. (2018) sobressaiu a sobrecarga de trabalho e pressão do tempo para cumprimento de metas.

Nessa lógica, Hoffmann et al. (2017) apontam para o novo paradigma de produção e consumo do conhecimento, no qual coexistem demandas permeadas pela chamada “cultura do produtivismo”, caracterizada pela aceleração das atividades, alienação, competitividade e individualismo, além da precarização do trabalho.

Teixeira, Marqueze e Moreno (2020) reafirmam essa questão ao descrever que essa nova organização do trabalho do professor universitário, pautada no produtivismo, estabelece-se nas universidades públicas e afeta a prática docente, suas relações profissionais e sociais, gerando consequências como precarização, intensificação e flexibilização do trabalho, competitividade entre pares e pressão pelo desempenho quantitativo, levando o docente a acelerar suas atividades e prolongar o tempo no trabalho.

No estudo de Teixeira, Marqueze e Moreno (2020) verificou-se a associação entre percepção da pressão por publicação e o estresse, esforço e comprometimento excessivo, independente de variáveis laborais, sugerindo uma inter-relação da organização do trabalho com a saúde mental dos trabalhadores.

Além disso, D’Arisbo et al. (2018) destacam que, por haver um individualismo, resulta em um docente responsabilizado integralmente pela sua formação e também pela atuação profissional e pela disciplina na organização. As falhas que acontecem no processo de aprendizagem e o não dar conta de atuar no regime de flexibilização também levam à culpabilização do professor, individualmente.

Hoffmann et al. (2019) por sua vez, dizem que o fator organização do trabalho apresentou maior média para fatores associados à saúde mental dos trabalhadores, e seus itens incluem: o ritmo de trabalho acelerado, pressão por tempo de execução, tarefas repetitivas, cobrança e fiscalização de resultados. Essa sobrecarga cognitiva dada pela intensificação do trabalho docente, transcende aspectos localmente contextualizados e parte de aspectos de conjuntura mundial, condizentes à valorização do trabalho imaterial,

inserção de novas tecnologias e nova relação entre produção e divulgação de conhecimento.

b) Satisfação e insatisfação no trabalho

De acordo com Cardoso e Costa (2016), 75% dos professores de ensino superior estão satisfeitos com a atividade realizada e os principais motivos de satisfação estão relacionados a fatores pessoais, tais como: a realização de uma vocação, atividades de pesquisa e extensão, desenvolvimento e reconhecimento dos estudantes e sociedade, aprendizado, autonomia, flexibilidade e relacionamento com alunos.

O estudo de Lozano-González (2020), também reforça a satisfação como sendo relacionada ao sentimento de orgulho do desempenho de trabalho, o prestígio associado ao professor de ensino superior, relacionamento com os alunos e a possibilidade de deixar algo para o futuro profissional ou pessoal dos mesmos. Nesta pesquisa, o autor relata, ainda, que muitos professores que são da área da saúde, começaram a lecionar para complementar a renda, entretanto, a atividade docente passa a ser tão gratificante, que passam a fazer desse trabalho seu meio de vida. Lozano-González (2020) traz a questão do sentido e significado do trabalho como importante para a satisfação do docente no labor que desempenha.

Já no estudo quantitativo de Klein et al. (2017) foi feita uma análise de regressão tendo como variável dependente a satisfação dos servidores com a qualidade de vida no trabalho (QVT). Esta variável apresentou uma média de 6,5 em uma escala de 0 a 10, o que indica que os professores da universidade pesquisada se consideram satisfeitos quanto a QVT. Verificou-se que quatro fatores predizem a variável dependente, são elas: (1) Satisfação no trabalho, (2) Espaço físico, (3) Oportunidade de crescimento profissional e (4) Relacionamento com os colegas.

No estudo quantitativo de Campos, Vêras e Araújo (2020), em que participaram 127 professores de ensino superior de uma universidade na Bahia, vem reafirmar o sentimento de satisfação pelos professores, uma vez que 71,7% disseram estar satisfeito em trabalhar na instituição, entretanto, um percentual expressivo, mais de 40%, expressou o desejo de abandonar a instituição. Segundo os autores, o sentimento de satisfação pode estar relacionado ao prazer gerado pela profissão de docente universitário, que muitas vezes antecede experiências desagradáveis vivenciadas na instituição.

O sentimento de insatisfação, por sua vez, segundo Cardoso e Costa (2016), aparece relacionado principalmente ao papel da instituição no desenvolvimento da atividade docente.

Cardoso e Costa (2016) relatam que o grau dessa insatisfação é um dos fatores psicossociais de risco à saúde mental dos docentes universitários. Em seu estudo, os fatores causadores dessa insatisfação que se destacaram foram: o excesso de trabalho aliado às atividades extras (administrativas, burocráticas, assistência etc.), relatado pela maioria (81,8%) dos docentes participantes; a dificuldade de relacionamento com os colegas de trabalho e com os gestores foi relatada por 54,5%; o desinteresse, associado à falta de respeito dos estudantes; a desvalorização da docência, que advém dos diretores, da coordenação e até mesmo do governo, como pôde ser verificado nas falas, descrita por 45,4% dos entrevistados; a falta de infraestrutura da universidade de um modo geral, revelaram-se os principais obstáculos à atuação docente e são referidas como as principais causas de insatisfação; as salas de aulas com muitos alunos também foi revelada como motivo de insatisfação para 36,4% dos docentes.

Vale destacar, também, a relação com os alunos. No estudo de Souza *et al.* (2018), os apontamentos tanto indicam satisfação quanto descontentamento na relação com os discentes, o que demonstra um sentimento ambíguo existente no cotidiano de trabalho.

Já no estudo de Teixeira, Marqueze e Moreno (2020), o qual se propôs a verificar a existência de associação entre a percepção da exigência por publicações com a satisfação e o estresse no trabalho, a satisfação no trabalho obteve a média de 78,9 pontos (DP = 16,3). Entretanto, como principais aspectos geradores de insatisfação tiveram destaque para “salário em relação à experiência e à responsabilidade”, “estrutura organizacional” e “volume de trabalho”. O salário dos professores, foi referido pelos participantes desta pesquisa como aspecto psicossocial que causa mais insatisfação (54,7%).

Entretanto, não foi encontrado, nesse estudo, associação estatisticamente significativa entre a percepção da pressão por publicação e a insatisfação no trabalho. Possivelmente, segundo os autores, a gratificação na carreira docente supere a percepção negativa da cobrança por metas, posto o caráter impessoal e não imediatamente “interessado” do trabalho, tornando possível a autorrealização. Em resumo, quanto maior a percepção de pressão por publicação, maior o estresse no trabalho. No entanto, esse resultado parece não se refletir na satisfação ou insatisfação do trabalho (TEIXEIRA; MARQUEZE; MORENO, 2020).

Por fim, Campos, Vêras e Araújo (2020) indicam em seu estudo, como sendo

importante o “não sentir satisfação em trabalhar na instituição” como fator relevante para um possível adoecimento mental do sujeito. Assim como no estudo de Santino, Tomaz e Lucena (2017), em que afirmam que a satisfação no trabalho é um dos fatores que irão interferir no estado de saúde do sujeito.

c) Condições de trabalho

Na pesquisa de Rodrigues e Souza (2018), na qual foram realizadas entrevistas com professores de universidades públicas do Rio de Janeiro, constatou-se que o processo de precarização das condições de trabalho e infraestrutura das universidades têm contribuído para a configuração do quadro de saúde dos professores. Segundo os autores, verificou-se que sucessivos cortes orçamentários atingiram o sistema universitário, provocando o sucateamento das instalações e estruturas existentes, o que foi enfatizado em várias falas como prejudicial nas condições de trabalho. Além disso, nessa pesquisa, surgiram falas dos entrevistados relativas à quantidade de alunos em sala de aula, ressaltando que turmas excessivamente numerosas são prejudiciais, tanto para o professor, quando para o aprendizado dos alunos, e que o professores se sentem responsabilizados por isso.

Assim como aparece na pesquisa de Damasceno et al. (2018), na qual as falas dos professores vão no mesmo sentido, com relação a precarização das condições de trabalho, ressaltando que os mesmos acabam levando trabalho para casa pois na universidade não tem espaço físico reservado para o docente trabalhar, normalmente tem uma sala em que os professores ficam juntos, sendo difícil a concentração; a internet é lenta, trava, muitas vezes cai a conexão, falta luz, falta papel, falta toner para a impressão, e quando tem papel e toner, já ultrapassaram a cota de impressão; ou seja, falta recursos materiais para que o trabalho docente se desenvolva da melhor forma.

Nessa direção, ainda, Souza et al. (2018), por meio de anotações dos professores em cadernetas, e encontro com esses trabalhadores, evidenciaram que um dos temas prevalentes foi referente à precarização das condições de trabalho do professor em universidades públicas. Nas falas dos participantes surgiram a falta de material básico para dar aula, como: adaptador de tomada, extensão de fio, controle do *datashow* quebrado, ar-condicionado que não funciona, sala sem mesa para o professor, entre outros. Foi possível verificar, por meio da pesquisa, que os docentes compram materiais de suporte para uso individual, improvisando diante da falta de equipamentos. Ainda nessa pesquisa, para alguns

participantes a deterioração da infraestrutura da universidade está relacionada à falta de verbas públicas, e que isso culmina em desânimo e decepção. Já para outros, é uma questão acima do dinheiro, é um projeto de como deve ser o Ensino Superior no Brasil, pautado no neoliberalismo.

Um outro estudo que ressalta a questão das condições de trabalho, foi a pesquisa de Mercali e Costa (2019), no qual tiveram participantes de instituições privadas e públicas. Com relação às condições físicas do local onde trabalham, como luz, temperatura, segurança e material, no item “se estão adequadas para a tarefa que realizam”, as instituições privadas apareceram com uma média de 4,72, contra 3,60 das públicas, indicando ser mais favorável aos professores de instituições privadas. O relato de sucateamento das universidades federais, segundo os autores, está ligado às questões de maior diferença entre os tipos de instituições, as quais se referem às condições físicas dos locais de trabalho e às ferramentas que estão disponíveis para o exercício adequado da atividade docente.

Em contrapartida, o estudo de Campos, Vêras e Araújo (2020) realizado com 127 professores de uma universidade pública na Bahia, de uma maneira geral, grande parte dos docentes avaliou, quanto às condições das salas de aula, como adequadas, sendo referidas por 41,6% do total de participantes. Diferente do resultado do trabalho de Medeiros *et al.* (2020), em que o objetivo era descrever a percepção de professores universitários em relação ao uso da voz na sua atividade laboral, e um dos fatores determinantes das queixas vocais, foi o fator ambiental, destacando no discurso dos participantes a temperatura do ambiente, o barulho e o tamanho das salas (grandes) com muitos alunos.

Em um estudo recente, de Gutiérrez e Gallardo (2020), os autores analisaram a saúde mental de professores de ensino superior de uma universidade chilena, no contexto da pandemia do Covid-19, evidenciou-se as novas condições de trabalho como potenciais para influir na saúde dos trabalhadores, dando ênfase para a mudança da atividade presencial para a remota, na qual 80% dos participantes não tinham experiência com esse tipo de trabalho, com tecnologia, além de terem que conciliar o labor como professor com as relações familiares dentro de casa, e ainda, as condições de estrutura física para o desempenho das tarefas que nem sempre são ótimas.

E, por fim, Santino, Tomaz e Lucena (2017) destacam em seu trabalho que o exercício da docência sofre influência de diversas condições, e uma delas são, sobretudo, as condições

do ambiente, mobiliário e estrutura física. E enfatizam que o exercício da docência relacionado com a precarização das condições laborais, está levando ao crescente aumento de transtornos de saúde em docentes, refletindo diretamente no trabalho.

d) Relações socioprofissionais

Para Klein et al. (2017), um dos fatores que estão relacionados com a qualidade de vida e satisfação no trabalho é o relacionamento com os colegas de trabalho. O que, em muitas pesquisas, vemos que está comprometido, como é o caso do estudo de Ribeiro e Leda (2016), em que destacam, por meio das falas dos professores, a existência de práticas, segundo os autores, competitivas, propiciadora do individualismo, da rivalidade entre os pares e da consequente fragilização do coletivo. O estudo destaca que, questões como essas, retratam o esgarçamento dos vínculos no contexto laboral do professor, e identifica nesse cenário a precarização dos laços humanos.

Hoffmann et al. (2017) vêm corroborar ao ressaltar a existência de um aumento da competitividade e individualismo nos últimos anos na busca por produção, entrando em jogo a vaidade e o status que, segundo os autores, deterioram as relações de trabalho. Em seu estudo, o custo afetivo (o dispêndio emocional exigido nas interações socioprofissionais inerentes à atividade) apresentou nível crítico, principalmente entre os profissionais mais jovens. Na análise da matriz de correlação pôde-se identificar relação de associação moderada entre esgotamento profissional e relações socioprofissionais (0,51).

Na prática, a nova organização do trabalho universitário vem causando maior competitividade entre os docentes, o que torna as relações de trabalho mais frágeis e dificulta ações coletivas de resistência do trabalhador (RODRIGUES; SOUZA, 2018).

Contrapondo os estudos acima citados, a pesquisa de Souza et al. (2018) constatou colaboração e confiança como valores do grupo de participantes. Segundo os autores, a principal resistência, como forma de defesa coletiva de saúde no cotidiano de trabalho, parece ser a relação de cooperação entre os docentes, a solidariedade, a motivação em grupo e os encontros que promovem pausas para almoço e café. O apoio do coletivo e os vínculos de companheirismo no trabalho constituem-se como importantes estratégias de resistência a favor da saúde, contra o adoecimento e o sofrimento, bem como conferem sentido ao trabalho (SOUZA et al., 2018).

Posto isso, na análise sobre as distinções das instituições públicas e privadas, na

pesquisa de Mercali e Costa (2019), a segunda maior diferença de médias foi observada na questão “Posso contar com meus colegas de trabalho para me ajudar ou dar apoio quando preciso”, com uma média de 4,48 para as instituições particulares, contra 3,76 de instituições públicas. De forma geral, docentes que trabalham em estabelecimentos privados revelam maior apoio e ajuda de colegas de trabalho.

e) Questão de gênero

Segundo Hoffmann et al. (2017), as mulheres percebem maior impacto dos fatores que provocam sofrimento e adoecimento no trabalho do que os homens, inclusive no que condiz ao custo cognitivo imposto pelo ambiente laboral, com avaliação em nível grave, além de enfrentarem um maior esgotamento profissional, em nível crítico, em relação aos homens que apresentaram avaliação em nível satisfatório.

Os autores destacam que homens e mulheres estão submetidos ao mesmo contexto de trabalho, no que se refere ao ambiente do magistério superior do estudo, entretanto, Hoffmann et al. (2017) salientam que, especificamente no caso das mulheres, o esgotamento profissional está fortemente associado à falta de reconhecimento (0,71); nesse sentido, percebe-se que as mulheres são mais impactadas pelos sentimentos de desvalorização, injustiça, desqualificação, entre outros. Assim como no estudo de Santino, Tomaz e Lucena (2017), no qual foi encontrada associação do sexo com a ocorrência dos maiores índices de fadiga. Contudo, segundo os autores, isto pode ser evidenciado pela predominância do sexo feminino no ambiente acadêmico, caracterizando assim, a tendência de feminização da docência.

Nesse sentido, no estudo realizado por Gutiérrez e Gallardo (2020), em que a pesquisa foi realizada no período de Covid-19, em que as pessoas estavam em isolamento social e trabalhando de suas casas, as maiores taxas de estresse são observadas em mulheres, acadêmicas, com menos de 40 anos de idade e em trabalhadores contratados. Nesse contexto, segundo os autores, a mulher tem um peso maior, tendo que conciliar o trabalho com os fazeres domésticos e crianças, uma vez que as mulheres cada vez encontram mais espaço no mercado de trabalho, porém seguem assumindo boa parte das responsabilidades domésticas.

Entretanto, ainda no estudo de Hoffmann et al. (2017), um percentual que chama atenção pela diferença ao considerar a comparação por gênero, é o fator referente aos danos

físicos, em que, apesar de ambos os grupos apresentarem avaliação em nível suportável, o percentual do grupo dos homens é bem maior (60%) do que o percentual de mulheres (34%). Essa maior vulnerabilidade dos docentes em apresentar danos físicos, decorre, segundo os autores, da subutilização de estratégias defensivas e a falta de cooperação para enfrentar a exposição aos fatores que causam sofrimento e culminam no adoecimento.

II. Repercussões para a saúde do professor de ensino superior

Com relação à repercussão para a saúde do professor, o estudo de Hoffmann et al. (2017) destaca a relação forte entre esgotamento profissional e danos psicológicos, visto que os itens formadores do fator relacionado ao esgotamento profissional como estresse, sobrecarga e frustração estão fortemente associados aos danos psicológicos que remetem a sentimentos de tristeza, solidão e amargura.

Nesse sentido, Leite (2017) relata como sendo as manifestações patológicas no docente de ensino superior, o esgotamento emocional, com a ausência ou carência de energia; a falta de realização profissional, com sentimento de inadequação pessoal e profissional; uma tendência de o trabalhador se autoavaliar de forma negativa; e a despersonalização, com o endurecimento afetivo ou insensibilidade emocional, tratando alunos e colegas como objetos, e “coisificando” a relação.

Nesse mesmo estudo, os relatos explicitam insônia, fadiga crônica e enxaquecas ou aparecimento de distúrbios neurológicos (“branco”, troca de palavras). Raros referem aumento no uso de álcool (mas são enfáticos ao reconhecerem isso em “outros colegas”) e drogas. Além disso, apareceu o estresse, que constantemente encobrem o alcoolismo, a dependência química, a síndrome do pânico e a síndrome de Burnout. Além de lombalgias, gastrites e depressão; ou mesmo a utilização de ansiolíticos, antidepressivos ou medicamentos conhecidos como tarja preta, que, segundo os autores, estão experimentando um ascenso acelerado entre os professores universitários. Entretanto, os mesmos se recusam a procurar auxílio, para não serem estigmatizados por não suportarem as novas formas do trabalho docente nas universidades (LEITE, 2017).

Nessa direção, no estudo de Teixeira, Marqueze e Moreno (2020), 85% dos docentes estavam em situação de desequilíbrio, sugerindo estresse laboral e 23,4% classificados com alto comprometimento excessivo. Além disso, verificou-se neste estudo a associação entre percepção da pressão por publicação e o estresse, esforço e comprometimento excessivo

(TEIXEIRA; MARQUEZE; MORENO, 2020). Campos, Vêras e Araújo (2020) relatam ainda sobrecarga, sentimento de pressão para produção e sentimento de desgaste na relação com os alunos.

Brito Laredo (2018), por sua vez, que estudou especificamente a síndrome de Burnout em professores do ensino superior, a qual ele diz que é tridimensional e caracteriza-se por exaustão, cinismo e eficiência profissional; em seu estudo, os participantes apresentaram um grau significativo de exaustão devido à sobrecarga de trabalho.

Nessa direção, Gutiérrez e Gallardo (2020), que estudaram a saúde mental de profissionais de uma universidade chilena durante a pandemia do Covid-19, relatam a presença de estresse em 55,7% dos participantes, depressão em 26% deles e ansiedade em 29,2%.

Já relacionado aos problemas físicos, Medeiros et al. (2020) relatam em seu trabalho os problemas vocais, sendo: a voz se modificar ao longo do dia, presença de rouquidão, fraqueza vocal, esforço e cansaço ao falar.

Considerações Finais

A pesquisa destacou a produção do conhecimento a respeito da saúde mental dos professores de ensino superior nos últimos cinco anos, utilizando-se do método bibliográfico na base de dados SciELO, obtendo 19 estudos que foram submetidos a análise. Para a discussão foram elencadas as seguintes categorias: fatores psicossociais de risco à saúde mental do professor de nível superior, incluindo as subcategorias - contexto das instituições de ensino superior/organização do trabalho, insatisfação x satisfação no trabalho, condições de trabalho e relações socioprofissionais, questões de gênero; e a categoria repercussões para a saúde do professor de ensino superior.

Com relação à primeira categoria, fatores psicossociais de risco à saúde mental do professor de nível superior, constatou-se um maior resultado nos estudos, evidenciando a relação na saúde mental desses trabalhadores com as questões relacionadas ao contexto das instituições de ensino superior e a consequente forma da organização do trabalho instalada.

Além disso algumas pesquisas trouxeram como fator importante a questão da satisfação e insatisfação no trabalho, como sendo algo significativo para a possibilidade de adoecimento do docente, incluindo nessa insatisfação questões relacionadas à organização do trabalho, às condições do mesmo e as relações socioprofissionais. Tais condições de

trabalho e relações socioprofissionais surgiram nos estudos, entretanto, não com tanta significância, quanto aspectos relacionados à organização do trabalho.

A questão de gênero também emergiu em alguns trabalhos, salientado que mulheres nesse contexto tendem a ter mais adoecimentos psíquicos do que os homens, uma vez que são mais desvalorizadas e desqualificadas.

E por fim, com relação as repercussões para a saúde do professor de ensino superior, ficou evidenciado a existência de adoecimento desses profissionais com maior ocorrência na esfera psicológica, e menor nas questões físicas, entretanto também existentes e significativas.

O presente estudo contribui também, entre outros fatores, para um alerta para a falta de conhecimento ou de interesse a respeito da saúde mental dos professores universitários, tanto no que diz respeito a equipe de gestores e/ou instituição, como pelos próprios professores. A incompreensão e indiferença pelo assunto, acabam sendo obstáculos para esse grupo de trabalhadores a procurarem ajuda especializada, o que dificulta a identificação da problemática e acaba por gerar dados imprecisos e sem uma análise reflexiva do contexto de trabalho dos professores universitários. Se faz pertinente a adoção de atividades de esclarecimentos, conscientização e redes de apoio, principalmente dentro dos espaços acadêmicos, podendo estas práticas estarem voltadas para campanhas a respeito da saúde dos professores, eventos com essa temática, atividades terapêuticas, cartilhas explicativas, dentre outras ações que possam esclarecer e ampliar a conscientização a respeito da saúde mental dos professores que atuam em contextos universitários.

Portanto, os resultados colaboraram para o conhecimento da produção existente e para orientar novos estudos. Mas, importa frisar que foi realizada a partir de uma só base de dados, que, mesmo sendo um portal bastante abrangente, não se recomenda generalizar. Disso, manifesta-se a sugestão, para estudos futuros a respeito de maneiras de intervenção, a partir, principalmente, da tomada de consciência desses sujeitos a respeito de onde estão inseridos, nesse contexto da instituição, que foi discutido no presente artigo, para que possam, a partir disso, semear novas possibilidades de habitar esse espaço, indicando que outros modos de viver a universidade precisam ser inventados, o que deve ser percebido como uma tarefa do coletivo.

Referências

- BORSOI, Izabel C. F. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81-100, jun. 2012.
- LAREDO, Janette B. Calidad educativa en las instituciones de educación superior: evaluación del síndrome de burnout en los profesores. **RIDE: Revista Iberoamericana para la Investigación y el Desarrollo Educativo**, Guadalajara, v. 8, n. 16, ene./jun. 2018.
- CAMPOS, Taís C.; VÉRAS, Renata M.; ARAÚJO, Tânia M. Transtornos mentais comuns em docentes do ensino superior: evidências de aspectos sociodemográficos e do trabalho. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 745-768, nov. 2020.
- CARDOSO, Cleia G. L. V.; COSTA, Nilce M. S. C. Fatores de satisfação e insatisfação profissional de docentes de nutrição. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 8, p. 2357-2364, ago. 2016.
- CARLOTTO, Mary S.; CÂMARA, Sheila G. Riscos psicossociais associados à síndrome de burnout em professores universitários. **Avances em Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v. 35, n. 3, p. 447-457. 2017.
- COSTA, Áurea C. As injunções aos docentes na universidade pública: de intelectuais a trabalhadores polivalentes. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, p. 175-195, nov. 2016.
- DAMASCENO, Nauristela F. P. et al. A narrativa como alternativa na pesquisa em saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 22, n. 64, p. 133-140, jan./mar. 2018.
- D'ARISBO, Anelise et al. Regimes de flexibilização e sentidos do trabalho para docentes de ensino superior em instituições públicas e privadas. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 495-517, maio/ago. 2018.
- FRANCISCO, Thiago H. A. et al. A percepção mercantilista da educação superior brasileira a partir da atividade das instituições privadas. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 11.; CONGRESSO INTERNACIONAL IGLU, 2., 2011, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2011.
- GRANEMANN, Sara. Crise econômica e a Covid-19: rebatimentos na vida (e morte) da classe trabalhadora brasileira. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, 2021.
- GUARANY, Alzira M. B. Trabalho docente, carreira doente: a privatização, a lógica produtivista e a mercantilização na e da educação e seus efeitos sobre os docentes. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 26-40, jul. 2012.
- GUIMARÃES, André R.; CHAVES, Vera L. J. A intensificação do trabalho docente universitário: aceitações e resistências. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Goiânia, v. 31, n. 3, p. 567-586, set./dez. 2015.
- HOFFMANN, Celina et al. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério

superior. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 91, p. 257-276, set./dez. 2017.

HOFFMANN, Celina et al. Prazer e sofrimento no trabalho docente: Brasil e Portugal. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, 2019.

GUTIÉRREZ, Ricardo J.; GALLARDO, Fernando H. Salud mental en funcionarios de una universidad chilena: desafíos en el contexto de la COVID-19. **Revista Digital de Investigación en Docencia Universitaria**, Lima, v. 14, n. 2, 2020.

KLEIN, Leander L. et al. Qualidade de vida no serviço público: uma avaliação em uma instituição de ensino superior. **REAd: Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 23, n. esp., p. 317-344, dez. 2017.

LEITE, Janete L. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 207-215, maio/ago. 2017.

LOZANO-GONZÁLES, Elí O. Significado de la docencia y procesos formativos del profesorado en el área de la salud: los inicios en la docencia. **Revista Electrónica Educare**, Heredia, v. 24, n. 1, p. 1-21, jan./abr. 2020.

MANCEBO, Deise. Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 74-80, 2007.

MEDEIROS, Yuri P. O. et al. Uso da voz no ensino superior: o que dizem os professores. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 22, n. 4, 2020.

MENDES, Karina D. S.; SILVEIRA, Renata C. C. P.; GALVÃO, Cristina M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, out./dez. 2008.

MERCALI, Gabriele D.; COSTA, Silvia G. Antecedentes do engajamento no trabalho dos docentes de ensino superior no Brasil. **RAM: Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 20, n. 1, 2019.

PANIZZON, Mateus; COSTA, Camila F.; MEDEIROS, Igor B. O. Práticas das universidades federais no combate à COVID-19: a relação entre investimento público e capacidade de implementação. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 635-649, jul./ago. 2020.

RIBEIRO, Carla V. S., LEDA, Denise B. O trabalho docente no enfrentamento do gerencialismo nas universidades federais brasileiras: repercussões na subjetividade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 97-117, out./dez. 2016.

RODRIGUES, Andréa M. S.; SOUZA, Kátia R. Trabalho e saúde de docentes de universidade pública: o ponto de vista sindical. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16 n. 1, p. 221-242, jan./abr. 2018.

SANTINO, Thayla A.; TOMAZ, Alecsandra F.; LUCENA, Neide M. G. Influência da fadiga ocupacional na capacidade para o trabalho de professores universitários. **Ciencia & Trabajo**,

Santiago, v. 19, n. 59, p. 86-90, mayo/ago. 2017.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. Sobre o SciELO. In: **SciELO**. São Paulo, [2021]. Disponível em: <https://scielo.org/pt/sobre-o-scielo>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SILVA, Eduardo P. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 61-71, jan./abr. 2015.

SILVA, Maria E. P. **A metamorfose do trabalho docente no ensino superior**: entre o público e o mercantil. 2009. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SOARES, Cassia B. et al. Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 335-345, abr. 2014.

SOUZA, Katia R. et al. Cadernetas de saúde e trabalho: diários de professores de universidade pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, 2018.

TEIXEIRA, Talita S. C.; MARQUEZE, Elaine C.; MORENO, Claudia R. C. Produtivismo acadêmico: quando a demanda supera o tempo de trabalho. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 54, n. 117, 2020.

Sobre os autores

Ana Paula de Araujo Fernandes

Mestranda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP/Assis. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1900-7881> E-mail: ap.fernandes@unesp.br

Paulo Roberto Ribeiro Marinho

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP
Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Unesp/Assis. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3661-7251>
Email: psicopaulomarinho@yahoo.com.br

Maria Luiza Gava Schmidt

Universidade Estadual Paulista " Júlio de Mesquita Filho" UNESP
Pós Doutorado pela Faculdade de Saúde Pública – USP. Docente do Curso de Graduação em Psicologia Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Unesp/Assis.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3296-7238> E-mail: maria.lg.schmidt@unesp.br

Recebido em: 31/01/2022

Aceito para publicação em: 06/04/2022